ARTEFILOSOFIA
ISSN:2526-7892

Leandro Surya IMAGENS E CONSCIÊNCIA: DA ARTE RUPESTRE À ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO [*]

Ricardo Valim [**]

Resumo: O artigo aborda a arte rupestre como uma das primeiras formas de expressão simbólica da humanidade, evidenciando seu valor cultural, espiritual e comunicativo. Presentes em diversas regiões, como no Parque Nacional da Serra da Capivara, essas imagens revelam crenças, práticas e visões de mundo dos povos antigos, funcionando como uma linguagem visual que transmite conhecimento e memória coletiva. Elementos míticos nas pinturas demonstram uma cognição sofisticada e uma busca por sentido e transcendência. Estabelece-se um paralelo com a *Alegoria da Caverna*, de Platão, indicando que tanto a arte rupestre quanto a filosofia refletem a jornada humana em direção ao conhecimento e à verdade. A caverna é interpretada como um espaço simbólico onde se cruzam registros ancestrais e questionamentos existenciais. O texto também defende a importância da preservação desses patrimônios, integrando cultura, educação ambiental e pensamento crítico. Assim, arte rupestre e filosofia convergem como manifestações do desejo humano de compreender a si mesmo e o mundo.

Palavras-chave: Consciência; Percepção; Simbolismo; Arte Rupestre; Platão.

IMAGES AND CONSCIOUSNESS: FROM CAVE ART TO PLATO'S ALLEGORY OF THE CAVE

Abstract: The article discusses rock art as one of humanity's earliest forms of symbolic expression, highlighting its cultural, spiritual and communicative value. Present in various regions, such as the Serra da Capivara National Park, these images reveal the beliefs, practices and worldviews of ancient peoples, functioning as a visual language that transmits knowledge and collective memory. Mythical elements in the paintings demonstrate sophisticated cognition and a search for meaning and transcendence. A parallel is drawn with Plato's *Allegory of the Cave*, indicating that both cave art and philosophy reflect the human journey towards knowledge and truth. The cave is interpreted as a symbolic space where ancestral records and existential questions intersect. The text also defends the importance of preserving this heritage, integrating culture, environmental education and critical thinking. Thus, cave art and philosophy converge as manifestations of the human desire to understand oneself and the world.

Keywords: Consciousness; Perception; Symbolism; Cave Art; Plato.

[*] Texto recebido em 09/07/2026, aprovado em 04/03/2026.
[**] Ricardo Valim é pós-doutorando na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Email: ricardovalimfilosofia@gmail.com. Orcid: 0000-0002-7790-6148

1. INTRODUÇÃO

A arte rupestre, presente em cavernas e rochas desde os primórdios da humanidade, constitui uma das mais antigas formas de comunicação simbólica e expressão cultural. Mais do que simples registros estéticos, essas imagens revelam aspectos profundos das cosmovisões, crenças, rituais e formas de organização social dos povos ancestrais. Como linguagem visual, a arte rupestre carrega significados coletivos que articulam o sensível e o espiritual, tornando-se um testemunho da complexidade cognitiva e simbólica das primeiras civilizações humanas.

Neste artigo, propomos uma análise interdisciplinar da arte rupestre como meio de percepção e construção do conhecimento, conectando simbolismo, mitologia, cultura e meio ambiente. A partir de uma abordagem antropológica e filosófica, investigamos como essas representações gráficas expressam formas de pensar e viver em comunhão com a natureza, sendo também instrumentos de memória coletiva e de transmissão de saberes ancestrais. Em um segundo momento, exploramos a articulação entre essas imagens e a formação da consciência coletiva, sugerindo a Educação Ambiental como caminho para a valorização do patrimônio cultural e natural. Por fim, estabelecemos um diálogo com a *Alegoria da Caverna*, de Platão, refletindo sobre os processos de autoconhecimento e iluminação filosófica como metáforas do despertar humano. A proposta central é compreender como imagens ancestrais e ideias filosóficas se entrelaçam na construção de uma reflexão crítica sobre a condição humana, a preservação da memória e a sustentabilidade dos territórios.

2. PERCEPÇÃO E SIMBOLISMO NAS IMAGENS RUPESTRES

A arte rupestre representa mais do que simples registros visuais do passado; ela constitui uma das primeiras manifestações da capacidade humana de perceber, interpretar e expressar simbolicamente o mundo. Essas imagens gravadas ou pintadas em superfícies rochosas não apenas documentam eventos ou cenas do cotidiano, mas revelam, de maneira profunda, aspectos simbólicos e culturais das primeiras sociedades humanas. De acordo com Carolina Machado Guedes (2014, p. 14), “a compreensão sobre uma construção organizada dos registros rupestres só poderá fazer sentido se admitirmos que entre o pensamento e sua manifestação material nas rochas [...] existe um sentido, um significado, expressado simbolicamente, assim como a escrita é uma manifestação simbólica de um

pensamento". Imagine uma pintura rupestre, como as presentes na Ravina de Valltorta na Espanha, que mostram várias figuras humanas com arcos e lanças cercando um animal. À primeira vista, pode parecer apenas uma cena de caça. No entanto, quando interpretada simbolicamente, essa imagem pode expressar mais do que o ato físico da caça: pode representar um ritual coletivo, uma cerimônia espiritual, ou ainda um código de ensino para as gerações futuras sobre técnicas de sobrevivência e organização social.

Assim como hoje usamos letras para formar palavras e transmitir pensamentos complexos, os povos antigos usavam figuras e composições visuais para comunicar ideias fundamentais à sua cultura. Portanto, cada traço ou símbolo gravado na rocha carrega um sentido construído socialmente, funcionando como um tipo primitivo de linguagem — tão simbólica quanto a escrita. Essa perspectiva amplia a compreensão da arte rupestre como uma linguagem visual, dotada de intencionalidade e carregada de significados construídos coletivamente.

Nesse sentido, a escolha dos elementos representados, as técnicas empregadas e o contexto social em que foram produzidos revelam uma percepção ampliada da realidade, na qual o simbólico transcende o meramente pragmático. Os seres humanos, desde os tempos mais remotos, buscaram não apenas registrar o mundo que os cercava, mas interpretá-lo e atribuir-lhe sentido por meio de formas visuais que comunicam experiências, emoções, rituais e crenças. Ainda segundo Carolina Machado Guedes (2014, p. 29), "o homem [...] é fundamentalmente um ser simbólico, e se utiliza dessa ferramenta para se comunicar com o mundo exterior, com os outros de sua cultura e de outras culturas". Dessa forma, "[...] o registro rupestre é uma manifestação física observável, é um ato da vontade humana, uma ideia materializada, saber o seu significado é uma teoria complexa" (OLIVEIRA, 2014, p. 86). A arte rupestre, portanto, não deve ser vista como um simples exercício estético, mas como um modo estruturado e complexo de comunicação[1] que revela as intenções, os valores

[1] No artigo intitulado *Imágenes en las rocas: uso del espacio y construcción del paisaje mediante el emplazamiento de arte rupestre en dos regiones de Patagonia centro-meridional (Argentina)*, (ACEVEDO; FIORE; FRANCO, 2015): Os autores analisam como grupos caçadores-coletores da Patagônia centro-meridional (Argentina) utilizaram o espaço e a paisagem na criação de arte rupestre. Os autores comparam duas regiões específicas: o extremo sul do Macizo del Deseado e a margem norte do Río Santa Cruz. Foram registrados 40 sítios na primeira região e mais de 4 km de afloramentos rochosos na segunda, através de levantamentos sistemáticos. O estudo examina os motivos visuais, as técnicas (gravura e pintura), os tipos de rocha e relevo, e como essas escolhas influenciam a conservação das imagens ao longo do tempo. A arte rupestre nessas regiões é contextualizada dentro de um intervalo cronológico amplo, já que não há datas diretas para as imagens, mas sim para os contextos arqueológicos próximos (de cerca de 10.800 a 400 anos AP no Macizo del Deseado e de 7.700 a 1.000 anos AP na margem do Río Santa Cruz). Os resultados sugerem que o local das imagens não foi aleatório, mas sim parte de uma construção ativa da paisagem simbólica (ACEVO; FIORE; FRANCO, 2015, p. 48), possivelmente ligada a sistemas de comunicação visual e mobilidade inter-

e os significados específicos de cada grupo humano.

Segundo a arqueóloga Dánae Fiore o caráter expressivo e material da arte rupestre permite tanto representar o mundo exterior quanto refletir sobre si mesmo e sobre o contexto social de sua produção. Para ela:

> A arte rupestre não é apenas uma série de reflexões simbólicas sobre uma realidade "externa", ela também é uma realidade material complexa em si mesma e, pela combinação de sua condição material e sua condição expressiva, tem a possibilidade de refletir até mesmo sobre si mesma. Toda produção social, incluindo a produção artística, gerou algo novo a partir de um contexto previamente existente. Nesse sentido, toda produção, toda criação humana acrescenta realidade à realidade. Em nossa opinião, a arte rupestre não escapa a essa dinâmica. Pelo contrário, ela a confirma[2]. (FIORE, 1994, p. 256)

O estilo, enquanto unidade de análise é visto como resultado da combinação de diferentes variáveis, e o contexto histórico-social são fundamentais para compreendê-lo. Por fim, destaca-se que a criação artística surge da interação entre o ser humano e seu contexto, transformando a realidade a partir de suas lacunas.

O cuidado evidente na elaboração dos painéis rupestres indica uma organização simbólica e discursiva, na qual cada imagem carrega uma mensagem intencionalmente elaborada, se aproveitando inclusive muitas vezes de falhas nas rochas e relevos para acentuar sua mensagem[3]. Há uma lógica interna nos registros rupestres, uma articulação simbólica que deve ser compreendida dentro dos parâmetros culturais e mentais das sociedades que os produziram (GUEDES, 2014, p. 238). Essa estrutura discursiva se assemelha a um tipo de linguagem visual que articula significados complexos, transcende o tempo e transmite saberes ancestrais de forma duradoura. As "imagens convidam os olhos

regional entre grupos humanos pré-históricos.

[2] Nossa tradução de: "El arte rupestre no es solo una serie de reflexiones simbólicas sobre una realidad 'exterior', es también una compleja realidad material en sí misma, y, por la combinación de su condición material y su condición expresiva, tiene la posibilidad de reflexionar, incluso, sobre sí rnismo. Toda producción social, incluyendo la artística, gesta algo nuevo desde un contexto previamente existente. En este sentido, toda producción, toda creación humana le agrega realidad a la realidad. A nuestro parecer, el arte rupestre no escapa a esta dinámica. Por el contrario, la confirma". (FIORE, 1994, p. 256)

[3]Neste sentido, recomenda-se a visualização do documentário *Arte Rupestre en América Latina* (Red Iberoamericana en Manifestaciones Rupestres, 2022). Embora não seja este o foco principal da obra, o documentário oferece, por meio de uma qualidade gráfica notável, um registro visual impactante de diversos sítios arqueológicos. As imagens evidenciam pinturas rupestres que se integram harmonicamente às formas, ângulos e cores das rochas, produzindo uma composição estética que atrai e cativa o olhar do espectador. O propósito original dessas manifestações artísticas permanece, em grande parte, desconhecido. Diversas teorias podem ser propostas, mas nenhuma delas alcança consenso definitivo. Todavia, é inegável que a contemplação dessa arte milenar desperta um profundo senso filosófico, instigando reflexões acerca das origens humanas e da capacidade do ser humano de deixar marcas significativas na natureza, transcendendo sua própria existência cognitiva.

a não se apressar, mas sim a descansar por um instante e a se abstrair com elas no enlevo de sua revelação" (CAMPBELL, 1994, p. 9). As imagens, portanto, são muito mais do que representações figurativas[4]; elas são portadoras de narrativas, de memórias coletivas e de interpretações do mundo natural e espiritual.

Nesse contexto, as pinturas rupestres se inserem como parte essencial do sistema comunicativo das civilizações primeiras, revelando singularidades culturais de diferentes regiões por meio de representações simbólicas, como animais[5], utensílios, figuras humanas

[4]Sugerimos ao leitor interessado em aprofundar os aspectos que envolvem a arte rupestre, a leitura e análise do artigo *Um bestiário pré-histórico? A pré-história através das pinturas rupestres* (PEREIRA; LESSA, 2021). O referido trabalho examina a temática zoomórfica na arte rupestre, propondo a construção de um bestiário pré-histórico como estratégia metodológica para catalogar e interpretar diferentes tipos de grafismos, identificados (como cervídeos, caprídeos e bovídeos), não identificados e os chamados "grafismos heroicos", presentes em sítios arqueológicos de Portugal (notadamente no Vale do Côa) e do Brasil (com destaque para a Serra da Capivara, Jequitaí e Capitão Enéas, no norte de Minas Gerais). Entre os grupos de animais representados, os cervídeos recebem especial atenção, sobretudo no contexto do Parque Arqueológico do Vale do Côa, onde são representados tanto com galhadas (possivelmente machos) quanto sem elas (fêmeas), sendo frequentemente encontrados próximos a vales fluviais, como os do José Esteves e da Vermelhosa. As técnicas utilizadas para a gravação dessas imagens revelam traços extremamente finos, por vezes quase imperceptíveis, o que sugere o uso de instrumentos pontiagudos, semelhantes a lápis. Um cristal encontrado nas proximidades de um dos painéis reforça a hipótese de sua utilização como ferramenta para execução dos registros. A arte rupestre, neste contexto, é interpretada como um sistema simbólico de comunicação e territorialidade. Certas representações, por sua visibilidade a longas distâncias e pela composição formal, têm sido interpretadas como possíveis dispositivos de sinalização, possivelmente destinados a desencorajar a entrada de indivíduos alheios ao grupo que ocupava a região. O artigo também chama a atenção para a vulnerabilidade desse patrimônio frente às ações humanas contemporâneas. A exemplo disso, destaca-se a destruição parcial de registros rupestres em virtude de disparos de caçadores na Serra da Capivara, bem como as ameaças decorrentes de empreendimentos como o Projeto Jequitaí, que prevê a construção de barragens na região norte de Minas Gerais, com potenciais impactos sobre sítios arqueológicos ainda não totalmente estudados. Por fim, os autores defendem a legitimidade da arte rupestre como fonte historiográfica, mesmo diante da ausência de registros escritos. Amparados na reflexão de Marc Bloch (PEREIRA; LESSA, 2021, p. 39), lembram que o historiador não deve recuar diante da lacuna documental, mas sim buscar, com vigor investigativo, outras formas de reconstrução do passado. Tal como os bestiários medievais inauguraram um gênero literário, propõe-se que este esforço analítico represente um ponto de partida para a consolidação de um novo gênero historiográfico voltado à pré-história.

[5]Sobre esse aspecto, é importante destacar ao leitor o imenso potencial informativo que ainda hoje nos é transmitido pela fauna e flora do passado, muitas vezes composta por espécies atualmente extintas. Nesse sentido, recomenda-se a leitura do artigo Registro de Fauna na Arte Rupestre (JOSÉ BIGARELLA *et al.*, 1984), que oferece valiosas contribuições ao tema. Em 1982, na região de Central, no estado da Bahia, arqueólogos identificaram sítios arqueológicos de grande relevância científica, onde foram encontrados fósseis de animais extintos e inúmeras pinturas rupestres. Entre elas, destaca-se uma cena de caça que possivelmente representa um toxodonte, herbívoro de grande porte típico da megafauna sul-americana do Pleistoceno. A análise desse achado sugere uma coexistência entre seres humanos pré-históricos e essa megafauna, fornecendo pistas valiosas sobre as condições paleoambientais da região, que à época teria um clima mais úmido e uma vegetação semelhante ao cerrado, distinta da caatinga atual. O Projeto Central, financiado pelo CNPq, obteve resultados notáveis: além de fósseis extremamente bem preservados, inclusive com vestígios de cartilagem (JOSÉ BIGARELLA *et al.*, 1984, p. 36), foram encontrados artefatos humanos associados a ossos de animais extintos, evidenciando uma ocupação humana datada do Pleistoceno Superior. A representação rupestre do possível toxodonte é especialmente significativa, pois pode constituir uma das raríssimas imagens da megafauna extinta registradas em arte rupestre nas Américas, comparável apenas a um exemplo nos Estados Unidos, conhecido como o *elefante ferido* (JOSÉ BIGARELLA *et al.*, 1984, p. 36). Para os leitores que demandem informações mais atualizadas, oportunizar o incentivo a visualizar a reportagem que informa sobre à publicação de uma obra intitulada *A floresta pintada: arte rupestre e arqueologia na*

e cenas cotidianas. Conforme aponta Alves (2010, p. 26), essas imagens não são aleatórias, mas refletem aspectos importantes da vida em sociedade, como a caça, os rituais, os vínculos sociais e as relações com o ambiente natural. Antes do surgimento da escrita alfabética, as imagens grafadas eram o principal meio de comunicação entre os grupos humanos, servindo como registros visuais de suas experiências, crenças e modos de vida (ALVES, 2010, p. 31). Essa comunicação visual servia não apenas para registrar, mas também para ensinar, ritualizar e reforçar laços comunitários por meio de símbolos compartilhados.

As representações também demonstram uma tentativa de compreender e dar sentido à natureza, muitas vezes revelando domínio técnico, como na representação de movimento e volume em cenas de caça com figuras humanas e animais (ALVES, 2010, p. 40). A capacidade de captar e representar visualmente o dinamismo do mundo natural, especialmente em um tempo sem instrumentos óticos ou técnicas avançadas de pintura, evidencia não apenas a sensibilidade artística, mas também o grau de observação e cognição desses grupos humanos. Trata-se de uma arte funcional e ao mesmo tempo espiritual, que une o mundo tangível ao simbólico.

A presença de pinturas rupestres em todos os continentes, apesar das grandes distâncias entre os grupos humanos, indica uma tendência comum de expressar, por meio da arte, a relação com o ambiente, com outros seres vivos e com o sagrado. Esse padrão global, conforme observa Michel Justamand (2014, p. 123), revela notáveis semelhanças formais e temáticas, como a presença de figuras zoomorfas, antropomorfas e elementos da natureza, mesmo em regiões geograficamente isoladas entre si. Essa convergência pode ser interpretada como uma expressão universal da necessidade humana de simbolizar e ritualizar sua existência por meio da arte.

Para além de sua função estética ou narrativa, tais imagens possuem também uma dimensão mítica e de atualização das necessidades contemporâneas[6]. Na Arqueologia, as

Amazônia colombiana (título traduzido livremente), que reúne um amplo conjunto de registros de arte rupestre localizados na região da Serranía de La Lindosa, na Amazônia colombiana. O livro é resultado de extensas investigações conduzidas ao longo de vários anos, documentando gravuras distribuídas em um paredão rochoso com aproximadamente 13 quilômetros de extensão. As representações iconográficas retratam aspectos do cotidiano de grupos humanos que habitaram a região ao final da última glaciação. Segundo o arqueólogo uruguaio José Iriarte, coordenador da equipe responsável pela pesquisa, tais imagens constituem não apenas testemunhos materiais das práticas culturais e modos de vida das populações ancestrais, mas também comunicam simbolicamente mensagens que dialogam com os desafios ecológicos e sociais da contemporaneidade (DW Brasil, 2022).

[6] O artigo de Loredana Ribeiro (2015) intitulado *Sobre pinturas, gravuras e pessoas – ou os sentidos que se dá à arte rupestre*, analisa os sentidos atribuídos à arte rupestre ao longo do tempo, tanto pelos arqueólogos quanto por comunidades atuais. Inicialmente, destaca como a arqueologia do século XX interpretou essas manifestações como expressões de magia simpática (relacionadas à caça e fertilidade), formas de controle

representações rupestres sempre estiveram associadas ao conceito de mito, entendidas como manifestações simbólicas de desejos ritualizados. Segundo Carlos Xavier de Azevedo Netto (1998, p. 34), essas imagens não representam eventos específicos do passado, presente ou futuro, mas sim uma "expressão de vontade", uma ritualização que busca realizar um desejo, conectando o universo real ao universo ideal por meio do mito. Assim, os registros rupestres podem ser interpretados como formas de mediação entre o mundo visível e o invisível, entre a realidade material e o plano simbólico ou espiritual.

Além de seu valor simbólico e mítico, as pinturas rupestres funcionavam como registros da vida social dos primeiros grupos humanos, retratando práticas cotidianas e servindo como forma primitiva de memória coletiva (JUSTAMAND, 2014, p. 122). Esses registros visuais documentam o modo como esses povos organizavam sua existência, registravam seus feitos e preservavam suas histórias para as gerações futuras. A arte, nesse caso, assume o papel de arquivo ancestral[7], guardando o saber coletivo em formas acessíveis e duradouras.

Na região amazônica, por exemplo, há uma rica e ainda pouco conhecida diversidade de arte rupestre. Apesar do avanço da Web e dos meios digitais de divulgação, essas manifestações culturais permanecem amplamente subvalorizadas (NASCIMENTO, 2015,

territorial ou reflexos de padrões culturais estruturais. No Brasil, duas principais abordagens se desenvolveram: a estruturalista (influência francesa) e a classificatória/difusionista (RIBEIRO, 2015, p. 158), priorizando análises formais e distribuição espacial, com pouco foco nos significados simbólicos. A autora também discute os limites das analogias etnográficas na interpretação da arte rupestre e como essas foram rejeitadas ou retomadas ao longo do tempo. Outro ponto central é a crítica às interpretações androcêntricas, que atribuíram a produção da arte rupestre exclusivamente a homens, especialmente xamãs e caçadores. A partir dos anos 1980, abordagens feministas e pós-processuais começaram a evidenciar a participação de mulheres e diversidade de papéis de gênero (RIBEIRO, 2015, p. 162), além de destacar contextos rituais, simbólicos e até utilitários da arte rupestre em diferentes culturas. O texto avança para considerar os sentidos contemporâneos atribuídos à arte rupestre por comunidades locais, frequentemente ignorados pela arqueologia tradicional (RIBEIRO, 2015, p. 163). Exemplos etnográficos e estudos recentes mostram que esses sítios podem ser locais sagrados, de memória, de práticas ritualísticas ou ainda representar reivindicações territoriais e identitárias. Um caso específico é o dos reassentados da Serra do Ramalho (Bahia), onde a relação com os sítios rupestres é atravessada por deslocamentos forçados, afetando a percepção e o valor simbólico dessas paisagens. Por fim, a autora defende a importância de considerar os sítios rupestres não apenas como registros do passado (RIBEIRO, 2015, p. 172-173), mas também como recursos simbólicos e políticos atuais, integrados às dinâmicas de identidade, memória e resistência cultural das comunidades que hoje convivem com esse patrimônio arqueológico.

[7] Sugere-se aos interessados à leitura e análise do artigo intitulado *Do Clarão das Fogueiras ao Brilho das Telas – As projeções de si no cinema indígena* (VALIM; ALMEIDA JR, 2025a) como forma de compreender a mudança de processos e perpetuação de ancestralidades, sobretudo, pelos povos indígenas. O texto destaca a transformação do cinema indígena, que deixa de ser uma representação estereotipada e colonialista feita por não-indígenas, como nos filmes Western, para se tornar um espaço de autorrepresentação e afirmação cultural. Agora, os próprios indígenas produzem filmes que refletem suas realidades, identidades e ancestralidades de forma autêntica e política, rompendo com imagens míticas e caricaturais. Trata-se de um cinema feito por e para indígenas, que revela sua humanidade, criatividade e resistência, projetando novos sonhos e possibilidades a partir de suas próprias perspectivas.

p. 13). Encontradas principalmente em cavernas e abrigos sob a rocha, essas pinturas são feitas com argila e pigmentos naturais, enquanto as gravuras em baixo-relevo costumam estar em paredões ao ar livre, próximos a rios (NASCIMENTO, 2015, p. 17). A arte rupestre amazônica destaca-se pela diversidade estilística e é organizada em tradições específicas conforme as peculiaridades locais, refletindo diferentes modos de vida e sistemas simbólicos (NASCIMENTO, 2015, p. 18) próprios.

Além disso, ela está fortemente ligada aos sentimentos transcendentes dos povos indígenas, sendo conhecida e reconhecida por diferentes etnias da região (NASCIMENTO, 2015, p. 27). Tais manifestações artísticas possuem, portanto, uma dimensão espiritual que permanece viva na cultura indígena contemporânea, funcionando como elo entre o passado ancestral e o presente vivido despertando para o exercício de uma responsabilidade (VALIM, 2024, p. 17, 19, 74, 79, 115-116; VALIM; BOCCA, 2025c, p. 36), sobretudo, com relação ao meio ambiente. A arte rupestre, nesse caso, não é apenas um vestígio arqueológico, mas uma forma de resistência simbólica, de manutenção da identidade cultural e de afirmação da ligação entre território, memória e espiritualidade.

Dessa forma, compreende-se que a arte rupestre constitui um dos pilares fundamentais para o entendimento das primeiras formas de expressão simbólica e comunicativa da humanidade. Ela revela uma inteligência estética que ocorre "[...] em várias partes do mundo" (OLIVEIRA, 2014, p. 75), como já afirmado, e espiritualmente complexa, uma linguagem visual que transcende o tempo e o espaço, e que continua a nos oferecer pistas valiosas sobre o modo como os primeiros seres humanos pensavam, sentiam e se relacionavam com o mundo à sua volta.

Partindo dessa perspectiva, iniciamos o próximo tópico do artigo, no qual exploraremos como a arte rupestre e as imagens míticas das sociedades antigas revelam a cognição, a cultura e os valores desses povos, estreitamente ligados ao meio ambiente em que viviam. A preservação desses registros é essencial para a manutenção da memória cultural e para a promoção da sustentabilidade ecológica. Nesse sentido, a Educação Ambiental deve integrar esses aspectos, incentivando o cuidado, o fortalecimento da identidade e a reflexão crítica sobre as relações entre passado, presente e futuro.

3. A IMAGEM RUPESTRE COMO MEIO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

No desenvolvimento das sociedades antigas, as imagens mitológicas, por exemplo, desempenham um papel crucial na construção do conhecimento coletivo[8]. As narrativas mitológicas, ao longo da história da humanidade, desempenham um papel fundamental na estruturação do pensamento simbólico e da consciência coletiva. Mais do que simples tentativas de explicar fenômenos naturais e sociais, os mitos operam como sistemas simbólicos densos, cujas imagens e arquétipos veiculam significados complexos e plurais. Mitos estes que, evidentemente, em uma explicação mais simples podem ser associados de maneira restritiva a "[...] narrações de origem, podem ser explicações de fatos naturais" (OLIVEIRA, 2014, p. 69). Para alguns pesquisadores, essa presença mítica do sagrado já estava presente na realidade de nossos ancestrais nas cavernas e locais onde se abrigavam, faziam sepultamentos e elaboraram representações de fenômenos astronômicos[9]. Tais elementos narrativos não apenas forneciam um enquadramento cosmológico e moral para as sociedades da época, mas também orientavam a constituição de uma consciência capaz de interrogar, interpretar e reconfigurar o mundo vivido. O mito, nesse contexto, constitui-se como uma forma originária de expressão humana que articula o sensível e o inteligível,

[8] No artigo *Narrativas Míticas e o Modo de Pensar Contemporâneo: Uma influência com origem nas culturas gregas, judaico-cristãs, indígenas e da ancestralidade africana* (SANTOS; ROCHA, 2021) é abordado o papel central do mito na formação da consciência humana e social, ressaltando sua capacidade de adaptação ao longo do tempo. Partindo da visão de autores como Joseph Campbell, Mircea Eliade, Lévi-Strauss, Scruton e Nietzsche, mostra-se que os mitos, longe de serem apenas histórias fantasiosas, refletem as contradições, valores e aspirações humanas em diferentes momentos históricos (SANTOS; ROCHA, 2021, p. 137). O mito é tratado como uma forma de conhecimento interdisciplinar, que revela a mentalidade dos povos e atua como guia moral, religioso e social. Desde as cosmogonias primitivas até o impacto das tecnologias modernas, os mitos acompanharam a evolução da humanidade (SANTOS; ROCHA, 2021, p. 138). Ao contrário do pensamento iluminista e positivista, que marginalizou os mitos, o texto defende que eles não morreram, mas se reinventaram, mantendo-se presentes na arte, na ciência, na religião e no cotidiano. Exemplos de diferentes culturas, como os gregos, hebreus, Desana e Boshongo, demonstram semelhanças estruturais nos mitos de criação, sugerindo uma unidade psíquica da humanidade (SANTOS; ROCHA, 2021, p. 140). O mito ainda oferece modelos exemplares de conduta e significado em atividades como o trabalho, a família e os rituais sociais. O Brasil é apontado como um exemplo claro de fusão mitológica, com elementos indígenas, africanos, portugueses e cristãos profundamente enraizados na cultura popular e no imaginário coletivo (SANTOS; ROCHA, 2021, p. 144-145). Por fim, o texto conclui que o mito, longe de ser um elemento do passado, é um saber vivo e essencial para enfrentarmos os desafios do presente, oferecendo orientação, identidade e sentido para a existência humana.

[9] A série documental *O Lugar Antes de Mim*, dirigida por Karla Nascimento (Amplercinetv, 2022), valoriza o patrimônio arqueológico brasileiro, revelando a presença de civilizações pré-cabralinas. O segundo episódio foca na arte rupestre dos Campos Gerais do Paraná, em sítios localizados em formações rochosas da Escarpa Devoniana. Vestígios como pinturas, gravuras e sepultamentos indicam, segundo alguns pesquisadores, que os antigos habitantes já manifestavam uma relação com o sagrado e com fenômenos naturais, sugerindo uma presença mítica em seu cotidiano. O projeto foi viabilizado pelo PROFICE e realizado com apoio de empresas locais.

estruturando formas de percepção e ação no mundo. Isso é extremamente importante, pois demonstra que os seres humanos que habitaram este mundo há cerca de 12 mil anos, com uma população mais densa na região Nordeste do que hoje conhecemos como Brasil a partir de 8 mil anos atrás (GUIDON, 1992, p. 52), por exemplo, já possuíam uma cognição semelhante à que temos hoje.

O artigo *Arte rupestre: a cultura corporal do movimento antes do Brasil* (COTES *et al.*, 2023), investiga, de forma interdisciplinar, por exemplo, a relação entre práticas corporais e representações rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí, Brasil), interpretando cenas da tradição do Nordeste como possíveis manifestações ancestrais da cultura do movimento. Partindo da ideia de que os seres humanos já possuíam, há milênios, as mesmas capacidades cognitivas e motoras atuais, os autores analisam duas imagens específicas: uma que remete a um *flic flac* (movimento acrobático próprio da ginástica artística) (COTES *et al.*, 2023, p. 5-10), sugerido como prática com possível função ritualística ou lúdica, à luz da teoria de Ilinx (COTES *et al.*, 2023, p. 8-10), e outra que representa uma pirâmide humana, entendida como expressão de cooperação e confiança grupal.

Embora as interpretações apresentadas se baseiem em referências contemporâneas da cultura corporal, elas são reconhecidas como hipóteses, cujo objetivo principal é ampliar o debate acerca dos sentidos históricos do movimento humano. No entanto, é a arte rupestre, quando analisada sob uma perspectiva antropológica, que se revela como uma manifestação simbólica fundamental para a compreensão do imaginário social e cultural das sociedades antigas. Ainda mais em termos de uma arte rupestre que é nossa, é brasileira. Dessa forma, é possível concordar com a afirmação da arqueóloga brasileira Niède Guidon que infelizmente nos deixou em 4 junho de 2025[10]:

[10] Queremos expressar aqui com profundo respeito e admiração, nosso agradecimento à arqueóloga brasileira Niède Guidon por sua incansável dedicação à ciência, à preservação da história e à valorização do patrimônio cultural brasileiro. Seu trabalho visionário no Parque Nacional da Serra da Capivara revelou ao mundo a profundidade e a riqueza da presença humana nas Américas, oferecendo contrapontos a paradigmas vigentes e ampliando nosso entendimento sobre as origens da humanidade. Mais do que uma cientista brilhante, Niède foi uma defensora apaixonada da cultura, da educação e da memória dos povos ancestrais que habitaram nosso território. Sua trajetória é um exemplo de coragem, perseverança e amor pelo Brasil e pela humanidade. Seu legado permanece vivo em cada traço gravado nas pedras da Serra da Capivara e em cada mente inspirada por sua luta. Aproveitamos para recomendar ao leitor interessado a obra *O Paraíso é no Piauí – A descoberta da arqueóloga Niède Guidon* (BASTOS, 2010). A obra aborda a questão da relevância histórica e arqueológica do sudeste do Piauí, região considerada por muitos pesquisadores como um dos mais antigos berços da presença humana nas Américas. Descreve um cenário pretérito de abundância ecológica, caracterizado por densas florestas, cursos d'água e uma rica fauna, composta por espécies hoje extintas, como a preguiça-gigante e o tigre-dente-de-sabre, além de animais ainda existentes, como capivaras, emas e jacarés. Durante mais de quarenta anos, a arqueóloga Niède Guidon coordenou com sensibilidade peculiar, "quando eu chego num sítio,

> Sem que pareça brincadeira, acredito também, sinceramente, que nenhum arqueólogo brasileiro, poderia se chamar arqueológico, sobretudo entre os mais jovens, e receber um diploma de arqueólogo, sem uma visita ao Parque Nacional da Serra da Capivara. Ninguém pode dizer que não tem dinheiro, que não tem possibilidades, porque há muitos meios de visitá-lo. Poucos arqueólogos, não passaram uma vez em suas vidas uma semana no Rio de Janeiro. De forma que não vão porque não querem. É um conselho que eu dou a todos os que visitarem a Meca de nossa Arqueologia. (GUIDON, 1994, p. 46)

Dessa forma, essas representações gráficas, próprias do espaço geográfico que hoje chamamos de Brasil, não apenas registram práticas cotidianas, mas também expressam valores, crenças e relações coletivas das quais enquanto pesquisadores, arqueólogos e até mesmo filósofos devem se apropriar para compor suas reflexões. Pois, elas oferecem uma janela única para os modos de vida e as cosmovisões desses grupos ancestrais, e nisto consiste grande parte de sua importância de locais como São Raimundo Nonato no Sudoeste do Piauí (GUIDON, 1984, p. 38), permitindo uma compreensão mais profunda de nossa própria condição enquanto seres humanos e a possibilidade de pensar com outros pensares ancestrais.

Trata-se de uma linguagem visual que ultrapassa a função meramente estética, funcionando como um repositório de significados coletivos em fluxo contínuo de desenvolvimento (GUIDON, 1992, 48). Não obstante, é fundamental reconhecer o notável potencial artístico desenvolvido pelos grupos humanos que habitaram regiões que hoje correspondem a importantes sítios arqueológicos. Um dos exemplos mais emblemáticos é o complexo de Lascaux na França[11]. Suas pinturas revelam uma sofisticada sensibilidade estética e uma profunda capacidade de elaboração simbólica entre os protagonistas, muitas vezes anônimos, da história humana. Esses registros são indícios concretos da capacidade simbólica e criativa dos grupos humanos, revelando também sua relação com o espaço e

começo a pensar: se eu fosse um homem pré-histórico, onde eu faria uma fogueira? Deve ser a herança de minha avó kaingang ajudando [...]" (BASTOS, 2010, p. 163), investigações sistemáticas na região, contribuindo significativamente para a consolidação da área, em especial o Parque Nacional da Serra da Capivara,como um dos sítios arqueológicos mais relevantes do mundo em termos de preservação e conhecimento sobre os primeiros povos americanos.

[11]O complexo de cavernas de Lascaux, no sudoeste da França, é um dos mais importantes registros da arte paleolítica europeia, destacando-se por suas pinturas rupestres que retratam diversos animais com notável dinamismo. A disposição das figuras sugere uma possível função simbólica ou ritualística, associada à ideia de um santuário. Estudos arqueológicos datam as principais obras entre o final do Solutrense e o início do Magdalenense (cerca de 17.000 anos), embora análises e datações por Carbono-14 indiquem que algumas pinturas possam ter sido realizadas por volta de 15.500 anos. O episódio integra a série *Paletas* (Estúdio Criativo, 2011), que analisa obras artísticas com foco em simbologias, técnicas, aspectos formais e contexto histórico, destacando ainda a trajetória dos autores como elemento interpretativo relevante.

com o meio ambiente em que viviam (TRAPP; SANTOS, 2021, p. 1452; PEREIRA *et al.*, 2024, p. 4). Neles, encontramos representações de animais, cenas de caça, rituais e figuras humanas, configurando um verdadeiro arquivo iconográfico que expressa modos de vida, crenças, valores e conhecimentos ancestrais.

Vale lembrar outro aspecto importante, tais sítios arqueológicos não apenas documentam práticas culturais, mas estão inseridos em ecossistemas específicos — como serras e áreas rochosas — cuja biodiversidade e equilíbrio ecológico são também parte do patrimônio a ser protegido (GUIDON, 2014, p. 230). A relação entre arte rupestre e os territórios naturais onde se encontram é, portanto, histórica, cultural e ambiental. A conservação desses espaços é indispensável não apenas para manter viva a memória das comunidades que ali viveram, mas também para assegurar a sustentabilidade ecológica desses ambientes, muitas vezes ameaçados por atividades humanas predatórias (PEREIRA *et al.*, 2024, p. 13) que ao longo do tempo podem vir a destruir aquele espaço de conhecimento fecundo de possibilidades.

Nesse contexto, compreende-se que a educação ambiental assume papel central ao propor uma abordagem integrada entre os aspectos naturais e culturais desses territórios. A exploração pedagógica da biodiversidade local — com ênfase em espécies endêmicas, alimentares e medicinais — bem como a problematização dos recursos hídricos e das nascentes presentes nas serras, pode ampliar a percepção dos estudantes sobre a interdependência entre cultura e natureza[12]. Tais práticas devem incentivar reflexões críticas

[12]Neste sentido, recomenda-se ao leitor interessado a apreciação do relevante estudo *Educação patrimonial e ambiental a partir dos sítios arqueológicos das serras de Itiúba-BA* (PEREIRA *et al.*, 2024), que analisa o potencial educativo de dois importantes sítios arqueológicos localizados no município de Itiúba, no semiárido baiano: Fazenda Tapera e Lajedo Pintado. De acordo com os autores, ambos os sítios apresentam elevado valor pedagógico no âmbito da Educação Patrimonial, destacando-se pelas pinturas rupestres diversificadas, que constituem espaços significativos para o estudo da história humana na região semiárida (PEREIRA *et al.*, 2024, p. 14). Além da relevância histórica e cultural, os sítios estão inseridos em áreas de expressiva riqueza ambiental, com vegetação densa, fauna variada e proximidade de nascentes, o que favorece a articulação entre os campos da Educação Patrimonial e da Educação Ambiental. O sítio Fazenda Tapera abriga pinturas rupestres em tonalidade vermelha, majoritariamente com motivos geométricos, além de impressões de mãos humanas (PEREIRA *et al.*, 2024, p. 14). Apesar de seu bom estado geral de conservação, observa-se a presença de impactos naturais e biológicos, como processos de descamação e nidificação de vespas sobre as figuras. Já o sítio Lajedo Pintado se diferencia pela presença de pinturas e gravuras, o que amplia a diversidade técnica das representações, e pela facilidade de acesso, configurando-se como local mais apropriado para atividades de campo com grupos escolares. As propostas pedagógicas apresentadas pelos autores incluem a realização de aulas interdisciplinares envolvendo disciplinas como História, Geografia, Ciências/Biologia e Artes (PEREIRA *et al.*, 2024, p. 16), além de oficinas práticas de replicação de técnicas rupestres com pigmentos naturais. Também são sugeridas discussões sobre a conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade local, com ênfase nas nascentes das serras e nos impactos das atividades humanas. Destaca-se, ainda, uma atividade piloto realizada com estudantes do ensino fundamental, que consistiu em uma palestra expositiva e interativa (PEREIRA *et al.*, 2024, p. 8). A iniciativa demonstrou o potencial transformador da abordagem, promovendo o interesse dos alunos pelo patrimônio cultural e natural de sua própria região e despertando o

sobre os impactos das ações humanas, como a mineração e a implantação de usinas eólicas, que muitas vezes desconsideram a fragilidade ecológica e simbólica desses territórios (PEREIRA *et al.*, 2024, p. 15) e acabam por destruí-los.

Ademais, ao mobilizar um conjunto de significados culturalmente inteligíveis para interpretar manifestações como a arte rupestre e outras formas gráficas simbólicas, contribui-se para a construção de uma consciência educativa voltada à valorização e à preservação do patrimônio imaterial da humanidade. Nesse sentido, mitos, grafismos e representações visuais devem ser compreendidos como arquivos da experiência humana — não como meros registros do passado, mas como expressões vivas que interpelam o presente. Eles, em última instância, revelam modos de ser, de crer e de viver que transcendem a literalidade da imagem, oferecendo pistas fundamentais sobre os fundamentos simbólicos da cultura.

Compreender essas manifestações é, ao mesmo tempo, compreender a nós mesmos enquanto sujeitos históricos, culturais e ecológicos, em constante processo de transformação[13]. Trata-se, portanto, de ampliar o horizonte educativo para além da mera conservação material, promovendo uma ética do cuidado que articule memória, identidade, sustentabilidade e pertencimento. Porque em última análise, cuidando do passado e do meio ambiente estamos, automaticamente, cuidando de nós mesmos, e, portanto, sendo responsáveis. Como a informação é concebida como um fenômeno cognitivo e social, e só adquire existência quando é percebida, interpretada e significada pelos sujeitos (AZEVEDO

desejo de participação em aulas de campo.

[13] Projetos de ensino preocupados com realidades locais são indispensáveis para conscientização e formação de novas gerações. A título de curiosidade apresentamos aqui brevemente o Projeto de Ensino intitulado *Costurando Saberes*, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Câmpus Porto Velho Calama, (VALIM; SOARES, 2023, p. 76-93; VALIM; SOARES, 2025d, p. 9-12), foi aprovado por meio da Portaria nº 306/PVCAL - CGAB/IFRO, datada de 19 de junho de 2023, com parecer favorável emitido pela AAPE (Parecer 08/PVCAL - AAPE, id.1965714). Sua execução ocorreu entre os dias 19 de junho e 27 de novembro de 2023. Os resultados alcançados pelo projeto evidenciam avanços significativos no processo de iniciação científica e na produção acadêmica discente e docente, sendo reconhecidos em eventos acadêmicos de âmbito regional, nacional e internacional. Ressalta-se o enfoque na valorização da diversidade cultural e filosófica, promovendo a ampliação das perspectivas curriculares no ensino de Filosofia, sobretudo no contexto da formação em Engenharia. Como desdobramento dessa iniciativa, foram publicadas duas obras nos anos de 2023 e 2024, compostas por artigos produzidos por estudantes e professores do Curso de Engenharia Química do IFRO – Câmpus Calama, fundamentados em uma perspectiva decolonial. As publicações encontram-se disponíveis para acesso público nos endereços eletrônicos:

- https://www.sevenpubli.com/livro/costurando-saberes-novas-perspectivas
- https://www.sevenpubli.com/livro/costurando-saberes

Essas produções configuram contribuições relevantes tanto para o campo da Filosofia quanto para os estudos interdisciplinares voltados às epistemologias do Sul, aos saberes indígenas e às práticas pedagógicas em contextos pluriepistêmicos, reafirmando o compromisso institucional com uma educação crítica, inclusiva e socialmente referenciada.

NETTO, 2005, p. 19), se faz necessário então esse cuidado responsável. No contexto da Arte Rupestre, ainda que os significados originais dessas manifestações tenham se perdido ao longo do tempo, é possível recuperar aspectos culturais, estéticos e técnicos que contribuem significativamente para a produção de conhecimento arqueológico. Ao integrar saberes tradicionais e científicos, bem como os valores estéticos, éticos e simbólicos das culturas humanas, a educação, por exemplo, assume um papel central como espaço privilegiado para a reconstrução consciente das relações humanas com o passado, com a natureza e com o futuro. A transferência de informação, nesse sentido, constitui um processo essencial e multifacetado dentro da comunicação científica, particularmente no campo da Arqueologia (AZEVEDO NETTO, 2005, p. 21). Tal processo é atravessado por barreiras de ordem cognitiva, social e pragmática, cujo enfrentamento depende diretamente da inteligibilidade dos conceitos empregados e da superação das assimetrias entre os participantes do processo comunicativo.

A Arte Rupestre apresenta um potencial informativo singular, abrangendo múltiplos níveis de informação, técnica, temática, estética, espacial, relacional e interpretativa, que possibilitam inferências relevantes sobre as estruturas sociais, culturais e cognitivas dos grupos humanos do passado (AZEVEDO NETTO, 2005, p. 21-23). Embora fragmentadas, essas manifestações mantêm sua capacidade de transmitir conhecimento por meio da análise dos signos, painéis e contextos arqueológicos. A interpretação arqueológica, portanto, só se torna viável quando há compreensão dos mecanismos de transferência de informação e da estrutura conceitual que sustenta sua representação.

Agora, passaremos adiante, onde veremos que a arte rupestre e a caverna podem simbolizar a ligação entre memória, cultura e reflexão filosófica. Na *Alegoria da Caverna*, Platão, por exemplo, o leitor é levado a perceber como estamos presos a percepções ilusórias (sombras) e como o despertar para a verdade exige coragem filosófica. O filósofo, como mediador entre o humano e o divino, guia essa libertação, que é um processo de autoconhecimento e ascensão ao real, superando as aparências para alcançar a essência.

4. A *ALEGORIA DA CAVERNA* COMO DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA[14]

Como discutido anteriormente, a arte rupestre e os vestígios de mitos ancestrais evidenciam a cognição, a cultura e a espiritualidade dos povos antigos, articulando práticas simbólicas, relação com a natureza e identidade coletiva, ao mesmo tempo em que ressaltam a importância da preservação do patrimônio e de uma abordagem integrada à educação ambiental.

Segundo o mitólogo norte americano Joseph Campbell (2010, p. 23), os mitos cumprem quatro funções principais: a *mística*, que desperta a consciência do mistério da existência; a *cosmológica*, que explica o universo revelando seu aspecto misterioso; a *sociológica*, que legitima e organiza estruturas sociais; e a *pedagógica*, que orienta sobre como viver uma vida humana plena em qualquer contexto. Nesse contexto, a caverna pode ser compreendida como um espaço privilegiado para a reflexão filosófica, tanto por meio das representações gráficas nela presentes quanto por sua própria materialidade e simbolismo[15]. Longe de recorrer a um psicologismo reducionista, trata-se de reconhecer que

[14] De antemão, informamos ao leitor que, ao tratarmos do pensamento de Platão, não entraremos aqui na discussão aprofundada sobre o aspecto mimético da arte, especialmente no que diz respeito à pintura, tal como apresentada na *República*. Trata-se de um debate complexo, que não pode ser abordado de forma apressada ou superficial em poucas linhas. Além disso, devido a sua densidade e riqueza caberia a discussão e outro artigo somente para essa questão em particular. Ainda assim, é possível resumir alguns pontos centrais brevemente: Platão no Livro III da *República* defende que não apenas os poetas, mas todos os artistas devem ser vigiados para evitar a representação do vício e da baixeza em suas obras. Devem-se valorizar os que seguem a natureza do belo e do perfeito, para que os jovens sejam positivamente influenciados pelo que veem e ouvem (PLATÃO, 1972, 401b-401d, p. 132). No Livro X da *República,* Platão apresenta a mímesis de forma mais crítica, como algo inferior, "[...] um fazedor de imagens εἴδωλον (eídōlon - simulacro, imagem), a quem definimos como um imitador [...]" (PLATÃO, 1972, 599d, p. 457); associando-a à simulação. O imitador, "[...] o criador de fantasmas εἴδωλον ποιητής (Eídolon: imagem, fantasma, sombra; poiētēs: poeta, aquele que faz), o imitador [...]" (PLATÃO, 1972, 601b-c, p. 461-462) como o pintor, cria apenas aparências εἴδωλον dos objetos reais, não capta assim sua essência. Segundo Platão (PLATÃO, 1972, 598a-598c, p. 454-455), a pintura é desqualificada por estar afastada da *Ideia* e por produzir apenas simulacros εἴδωλον (eídōlon) de coisas empíricas, induzindo ao engano, como quando homens tolos confundem a imagem de uma cama com uma cama real. Caso o leitor deseje aprofundar a temática recomendamos dois artigos de substancial relevância para esse tipo de discussão: *Considerações sobre os sentidos de mímesis na República de Platão e a crítica à poesia* (CECÍLIO, 2015) e A *mimese filosófica em Platão: Da tragédia ao teatro das ideias na República* (FREIRE, 2022).

[15]Consideramos pertinente compartilhar a seguinte fala como contribuição significativa à reflexão proposta: O professor de filosofia Allen Speight, Diretor de Admissões de Pós-Graduação da Boston University e egresso do St. John's College em Annapolis, EUA, proferiu a palestra intitulada *The Philosophical Challenge of Early Art* - O Desafio Filosófico da Arte Primitiva - (St. John's College, 2024). Desde a descoberta moderna da arte rupestre paleolítica em 1879, a origem e o significado dessas manifestações têm sido objeto de intensas reflexões acadêmicas. As notáveis pinturas e gravuras que revestem as paredes das cavernas de Altamira, Lascaux, Chauvet e de inúmeros outros sítios arqueológicos ao redor do mundo suscitam não apenas admiração estética, mas também profundas indagações sobre a natureza da criação humana e suas repercussões simbólicas e perceptivas. A presente conferência propõe-se a examinar um conjunto de questões filosóficas fundamentais suscitadas pela arte pré-histórica, com destaque para os conceitos de μίμησις (*mímesis*: imitação), os papéis da visão e do tato na experiência estética e a complexa relação entre o símbolo e a arte

a caverna, enquanto lugar de interioridade abriga potenciais significativos para questionamentos existenciais e para a elaboração de sentidos em torno da condição humana e de sua busca por transcendência, conhecimento e realização.

Por sua vez, a *Alegoria da Caverna* (PLATÃO, 1972, 514b, p. 315), apresentada no Livro VII, por Platão, em *A República*, por exemplo, propõe uma profunda reflexão sobre os limites da percepção sensível e a possibilidade de ascensão ao conhecimento verdadeiro. Nesse contexto, as sombras projetadas nas paredes da caverna (PLATÃO, 1972, 515c, p. 316) representam imagens imperfeitas e ilusórias que a consciência humana, condicionada pelos sentidos, aceita como realidade. A figura do prisioneiro que se liberta simboliza (PLATÃO, 1972, 516a, p. 317) o despertar da consciência para a verdade, rompendo com as aparências enganosas (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 41) que até então eram tomadas como certezas.

O mito evidencia, assim, a jornada do ser humano rumo ao conhecimento autêntico e à luz da verdade que carece de busca, mas também de hábito (PLATÃO, 1972, 516b, p. 317). Ao destacar esse processo de libertação, Platão valoriza o papel da filosofia como instrumento de transformação, não apenas para os filósofos, mas para todos os indivíduos. Através da reflexão e da busca interior, é possível romper as correntes que nos aprisionam ao mundo da opinião e das ilusões sensíveis (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 41). Além disso, a busca pela verdade não é uma prerrogativa exclusiva dos filósofos.

figurativa. Ao lançar luz sobre esses temas, busca-se compreender como tais expressões ancestrais contribuem para o entendimento da sensibilidade humana e dos modos de representação no horizonte do pensamento filosófico. Allen Speight divide sua apresentação em três momentos principais: 1) Reconhecimento do fenômeno: A arte rupestre permaneceu amplamente desconhecida pela investigação sistemática até aproximadamente 150 anos atrás, apesar de constituir um fenômeno notavelmente difundido e representativo da experiência humana pré-histórica. Seu caráter disseminado e duradouro a torna um objeto de investigação crucial tanto para a arqueologia quanto para a filosofia da arte. 2) Arte e *mimese*: Investigar a arte primitiva oferece uma via profícua para refletirmos sobre as origens e a natureza da própria arte. Muitas das pressuposições modernas sobre o que constitui uma obra artística, como a noção de que a arte deve necessariamente ser uma forma de μίμησις - mimese (ou seja, imitação da realidade), são desafiadas ou, ao menos, problematizadas pelas representações rupestres. A ausência de uma referência direta à linguagem ou a narrativas conhecidas nos obriga a reconsiderar categorias estéticas convencionais e a ampliar nosso entendimento sobre os propósitos e funções da produção artística. 3) Símbolos, visualidade e sentido existencial: As produções artísticas da antiguidade remota suscitam questões profundas sobre o papel do símbolo e da expressão visual na constituição do sentido humano. Ao contemplarmos obras cuja estética nos afeta com imediatismo, mas que permanecem profundamente estranhas em seus códigos e contextos, somos convidados a refletir sobre a experiência estética diante da ausência de linguagem e de estruturas narrativas recuperáveis. Diferentemente de um vaso grego antigo, cujas imagens podem ser interpretadas à luz das epopeias homéricas ou da tragédia ática, a arte paleolítica não nos oferece tal arcabouço interpretativo. Isso exige o desenvolvimento de novas abordagens hermenêuticas e categorias conceituais. Nesse cenário, o papel do filósofo é, em primeiro lugar, acompanhar de perto os avanços da arqueologia e compreender as perguntas que emergem dessas descobertas. Em segundo lugar, é necessário refletir criticamente sobre como tais achados desafiam e enriquecem as concepções filosóficas tradicionais sobre a arte, o símbolo e a constituição da subjetividade humana ao longo de sua longa trajetória como criador e apreciador de imagens.

Considerem-se, por exemplo, as relevantes contribuições dos arqueólogos que temos procurado evidenciar até o presente momento para o avanço do conhecimento sobre a experiência humana.

O *Mito da Caverna*, como também é conhecida a *Alegoria*, sugere que qualquer pessoa possa empreender esse caminho, desde que movida pelo desejo de conhecer[16] e libertar-se das ilusões. Pois, "a educação, seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não à de fazê-lo obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso" (PLATÃO, 1972, 518d, p. 321). No entanto, esse processo é árduo, especialmente para aqueles habituados às sombras e acomodados em suas crenças. É justamente o desejo de libertação que torna possível essa ascensão ao conhecimento verdadeiro, ainda que sem garantias de sucesso (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 41-42). Essa metáfora fortalece a ideia de que a consciência humana está em constante movimento entre imagem, percepção e conhecimento[17].

[16] Caso o leitor tenha interesse sugerimos a leitura e análise desse pertinente artigo (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017) intitulado *Alegoria da caverna, o desejo e a verdade*. Nele, temos a análise da *Alegoria da Caverna* de Platão como *expressão de uma metafísica do desejo*, destacando o papel do desejo filosófico como motor da busca pela verdade. A caverna simboliza o mundo das aparências e opiniões, onde os prisioneiros vivem iludidos pelas sombras. O ato de sair da caverna representa a educação filosófica, que exige esforço, ruptura com o conformismo e vontade de conhecer o real (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 39). Embora o mito destaque o papel do filósofo, os autores argumentam que a saída da caverna é possível a todos os seres humanos. O desejo de romper com as correntes da ignorância é o que impulsiona o caminho em direção à luz do conhecimento. A Filosofia, nesse sentido, é uma prática libertadora e transformadora, que visa à verdade e não se acomoda com as aparências (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 42). A alegoria continua atual (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 39), pois denuncia os mecanismos que hoje também aprisionam o pensamento: o imediatismo, o desprezo pela Filosofia e a superficialidade das opiniões. A figura do filósofo que retorna à caverna para libertar os outros reforça o compromisso ético e político da Filosofia com a formação integral do ser humano (DA SILVA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 44) e com a construção de uma sociedade mais justa.

[17] Como forma de trazer ao conhecimento do leitor uma atualização referente a *Alegoria da Caverna* e a educação, por exemplo, apresentamos o pertinente artigo *A Alegoria da Caverna de Platão e o Filosofar na Atualidade* (MARTTA, 2021). O artigo discute a importância da filosofia na educação brasileira, destacando como ela pode servir de ferramenta para desenvolver uma formação crítica e reflexiva nos estudantes. A análise parte de uma breve reconstrução histórica da educação no Brasil, mostrando como ela sempre respondeu às exigências sociais de cada época (MARTTA, 2021, p. 113), da ênfase humanista na figura do aluno à tecnicista voltada para o mercado de trabalho. Destaca-se o papel do professor como agente catalisador do conhecimento, e não apenas um transmissor de informações. A filosofia é vista como essencial nesse processo por permitir a leitura crítica do mundo (MARTTA, 2021, p. 114), fomentando a dúvida, o espanto e a vontade de comunicação, elementos considerados, por pensadores como Platão, Aristóteles, Descartes e Jaspers, como a origem do filosofar. A *Alegoria da Caverna*, de Platão, é utilizada como metáfora central: o professor, especialmente o de filosofia, representa o filósofo (MARTTA, 2021, p. 113) que sai da caverna (das sombras da ignorância) e retorna para iluminar os demais, promovendo a autonomia do pensamento dos estudantes. A conclusão reforça que todos os docentes devem desenvolver uma postura filosófica, mas que o ensino de filosofia deve, preferencialmente, ser conduzido por um profissional formado na área, pois ele está mais preparado para promover discussões profundas e significativas (MARTTA, 2021, p. 113-115). A educação, em qualquer nível, deve levar o estudante a sair das sombras e buscar a luz, o conhecimento crítico, reflexivo e transformador.

> A alegoria da caverna, com suas metáforas, remete de modo constante ao mundo inteligível, da contemplação, da luminosidade. A dialética ascendente pode conduzir a alma ao bem, à verdade divina e eterna. A visão do verdadeiro filósofo em Platão é um ato espiritual, uma conversão. A alegoria descreve o estado político e pedagógico dos homens comuns e o estado superior ou divino do filósofo enquanto político e educador (Paviani, 2005, p. 7)

Jayme Paviani (2005) em seu artigo *O filósofo como homem divino em Platão* propõe uma reflexão sobre a dimensão divina do filósofo na obra de Platão (2005, p. 8), explorando as relações entre o humano e divino, a partir de elementos metafísicos, éticos e míticos. Em Platão, o filósofo não é um deus, mas um ser divino, por sua busca pela verdade, pelo bem e pela justiça, atributos que remetem ao mundo inteligível e à inspiração divina. A filosofia platônica é fundada numa experiência religiosa e racional (PAVIANI, 2005, p. 3), e a dialética é apresentada como uma dádiva dos deuses, capaz de mediar entre o visível e o invisível. O filósofo ocupa um lugar elevado na pólis por sua capacidade de contemplar o eterno e o absoluto.

Paviani também compara as concepções grega e judaico-cristã do divino (PAVIANI, 2005, p. 5), destacando que os deuses gregos convivem com os homens, enquanto o Deus bíblico é transcendente. A análise dos mitos platônicos, como o de Prometeu, Eros e a *Alegoria da Caverna*, reforça a ideia do filósofo como intérprete entre o humano e o divino. No contexto contemporâneo, Jayme Paviani (2005, p. 11-12) observa que o filósofo perdeu seu prestígio[18] sagrado e tornou-se um especialista, mas o sentido religioso continua a emergir nas culturas atuais, exigindo da filosofia um esforço renovado de compreensão.

Diferentemente da arte rupestre que se manifesta na caverna e lá tem seu protagonismo, a *Alegoria da Caverna*, ou Mito da Caverna se preferir, "[...] nem sequer tem na caverna a sua principalidade. Ela é o espaço para localizar outra coisa que não o que se teria normalmente em uma caverna e que não é apenas o seu aspecto ale-górico, onde tudo sempre significa algo diverso daquilo que aparenta ser: ela se torna o palco para um jogo de luzes e sombras, um teatro de fanto-ches" (KOTHE, 1994, p. 35). O foco não é a caverna em si, mas o teatro de sombras — uma metáfora para os signos e significados múltiplos e mutáveis (KOTHE, 1994, p. 36). Nesse processo, o papel do filósofo, ou do educador socrático, cuja própria experiência de introspecção constitui um exercício de

[18] De fato, em uma sociedade pragmática e acelerada tecnologicamente, a filosofia pode ser vista como inútil. No entanto, é justamente sua aparente inutilidade que revela seu verdadeiro valor: promover a reflexão crítica, o questionamento e o amadurecimento do pensamento, mostrando que o conhecimento é um processo contínuo que exige tempo e abertura.

autoconhecimento (PLATONE, 2016, 174d), consiste em conduzir o interlocutor a um estado de consciência crítica. Para isso, busca desestabilizar certezas provisórias, fundamentadas em percepções distorcidas, abrindo espaço para a emergência de um pensamento mais autêntico e sustentado em bases reflexivas mais consistentes. Assim, não se trata apenas de sair da caverna, mas de compreender as condições pelas quais os significados são produzidos dentro dela.

A metáfora da caverna representa o espaço simbólico onde se inicia esse profundo processo de autoconhecimento e transformação interior, tal como descrito na alegoria platônica. O interlocutor socrático é, mais uma vez, confrontado com as sombras que povoam as profundezas de sua própria interioridade, sendo convocado a empreender uma jornada dialética que visa não apenas à desconstrução de suas convicções aparentes e hipóteses infundadas — as chamadas vãs pretensões hipotéticas (PLATÃO, 1972, 533d, p. 347) —, mas também à reorientação do olhar para aquilo que é mais essencial e verdadeiro.

Por meio da força da dialética, o movimento de ascensão descrito por Platão culmina na elevação do espírito humano à capacidade de pensar com autenticidade, orientando-se em direção a uma luz que não engana, nem se apaga, mas revela. Trata-se, portanto, de um processo filosófico de libertação do engano e da ilusão, no qual o ser humano se torna apto a discernir a verdade em sua plenitude, abandonando as aparências para abraçar a essência do real.

Fica para nós o entendimento de que tanto as pinturas rupestres quanto a *Alegoria da Caverna* simbolizam, cada uma a seu modo, a busca comunicativa humana por sentido, verdade, consciência e sabedoria — uma jornada filosófica que ultrapassa o tempo e toca a todos (PLATONE, 2016, 175d–e). Ao contemplarmos a arte rupestre, somos convidados a imaginar não apenas a fauna e a flora de épocas ancestrais, mas também a diversidade cultural, espiritual e intelectual desses povos, o que nos permite elaborar interpretações profundas sobre nossa origem, nossa relação com o mundo natural e nossas formas de existência.

Nesse sentido, o artigo *La noción de persona y la agencia de las cosas — Una mirada desde el arte rupestre*, de Silvia Vigliani (2016), realiza uma crítica importante à concepção ocidental moderna de “pessoa” como sendo exclusivamente humana, racional e separada da natureza, apontando as limitações dessa visão para a interpretação arqueológica. Vigliani propõe uma abordagem relacional, fundamentada em ontologias tradicionais, que reconhece a agência não apenas dos humanos, mas também de entidades não humanas —

como animais, objetos e astros — concebendo a pessoa como um ser "dividual", formado e definido pelas suas relações com outros seres e com o ambiente (VIGLIANI, 2016, p. 24-33). A partir do estudo das pinturas rupestres na Sierra Libre, Sonora (México), Vigliani evidencia que essas imagens, produzidas em locais específicos por pequenos grupos, expressam cosmologias em que a agência emerge das interações entre humanos e não humanos, o que vai contra as categorias rígidas do pensamento ocidental, ampliando assim, a noção de pessoa para além da racionalidade estritamente humana (VIGLIANI, 2016, p. 37-47). Assim, tanto a arte rupestre quanto a *Alegoria da Caverna* nos convidam a repensar a verdade e a consciência, integrando uma perspectiva que valoriza a interconexão e a multiplicidade de agentes na construção do sentido humano e cósmico.

Nesse vestígio milenar, emerge um chamado à memória coletiva e ao reconhecimento de uma sabedoria que antecede a escrita. Talvez a máxima délfica γνῶθισεαυτόν, gnôthiseautón ("conhece-te a ti mesmo"), poderia ser aplicada aqui no sentido de contemplação do que fomos no passado por via da arte rupestre e de parte da *Alegoria da Caverna* e a busca daquilo que queremos ser com a saída da caverna, seres humanos que reconhecem sua própria ignorância (PLATÃO, 1972, I, 337a, p. 21) e fragilidade diante da vida e por isso se importam com os demais (PLATÓN, 1985, 29e, p. 168) pelas vias do esclarecimento.

Já na *Alegoria da Caverna*, o convite é filosófico: romper com os grilhões que nos mantêm presos a representações ilusórias da realidade e ousar olhar para além das sombras, isso vale inclusive para a morte (PLATÓN, 1985, 28b, p. 165-166). Assim como as figuras gravadas nas rochas revelam mais do que simples cenas do cotidiano antigo, as sombras da caverna também ocultam algo maior — e a libertação exige um esforço consciente de autotransformação.

Hoje, já não esculpimos nossas experiências na pedra como faziam nossos ancestrais[19], isso é fato, mas as inscrevemos na tessitura da subjetividade — no entrecruzamento de afetos (VALIM; GIACOIA JR, 2025b, p. 172-189), reminiscências e escolhas que configuram o modo como nos constituímos enquanto sujeitos históricos, conscientes e intérpretes do mundo. Trata-se de um deslocamento do gesto simbólico: do

[19]Evidentemente, não se pretende aqui adentrar o campo das manifestações artísticas contemporâneas, como as expressões da arte urbana, ou as produções de pintores e escultores consagrados. O objetivo deste trabalho é, antes, estabelecer uma interlocução entre as representações simbólicas da arte rupestre — tal como analisadas por especialistas da área — e os fundamentos filosóficos presentes no pensamento de Platão, em especial na *Alegoria da Caverna*, buscando compreender os vínculos entre imagem, conhecimento e consciência ao longo da história humana.

registro exterior à interiorização da experiência, onde memória e significado se entrelaçam na construção do sentido da existência.

Seja pela via da arte rupestre, seja pela via da alegoria platônica, o que se expressa é a profunda capacidade humana de buscar, dentro de si, as chaves para enxergar o mundo com mais clareza. Afinal, Sócrates em uma frase atribuída a ele e que ecoa pelos séculos, diz: "[...] ὁ δὲ ἀνεξέταστος βίος οὐ βιωτὸς ἀνθρώπῳ [...]" (PLATONE, 2016, 38a, p. 108). Nossa sugestão de tradução para o português, a partir do texto bilíngue (PLATONE, 2016, 38a, p. 108-109) é: "[...] não faz sentido para o homem viver sem questionar a si mesmo [...][20]".

Ambas, arte rupestre e a *Alegoria da Caverna* podem ser tomadas como metáforas de um mesmo impulso ancestral: ver as coisas como realmente são, superar as aparências e tocar o essencial. Entrar e permanecer na caverna é fundamental para o autoconhecimento, mas sair dela é igualmente necessário para transformar a realidade à luz do que se aprendeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte rupestre, longe de se restringir a uma expressão estética primitiva, revela-se como uma linguagem complexa que articula memória, espiritualidade e conhecimento ancestral. Gravadas nas paredes de cavernas e rochas, essas imagens constituem autênticos arquivos visuais de experiências humanas profundas, conectadas ao ambiente, aos mitos e às cosmovisões dos povos antigos. Cada traço expressa mais que uma representação visual: trata-se de uma narrativa que comunica crenças, práticas sociais e vínculos com o sagrado, configurando uma dimensão simbólica que transcende o tempo histórico.

Nesse contexto, a *Alegoria da Caverna*, de Platão, oferece uma chave filosófica essencial para compreender a jornada humana do aparente ao real. Assim como os prisioneiros da caverna que confundem sombras com a realidade, o ser humano contemporâneo enfrenta o desafio de romper com as ilusões impostas por um mundo saturado de imagens e superficialidades. A verdadeira liberdade refletida a partir de Platão, só se alcança através do conhecimento que liberta e transforma. Hoje, não inscrevemos mais nossas experiências nas pedras, mas nas escolhas, nos afetos e nas memórias que moldam nossa subjetividade histórica.

É nesse entrelaçamento entre passado e presente que a educação ambiental assume

[20] Nossa tradução de: "[...] non ha senso per l'uomo vivere senza interrogarsi" (PLATONE, 2016, 38a, p. 109).

papel central. Ela propõe uma reconexão com os saberes tradicionais, como os expressos na arte rupestre, ao mesmo tempo em que integra os avanços da ciência moderna. Essa abordagem integradora não apenas valoriza o patrimônio natural e imaterial da humanidade, mas também promove uma consciência crítica, ética e sensível às urgências socioambientais. Educar, nesse sentido, é formar sujeitos capazes de reconhecer seu lugar no mundo como parte de uma teia viva, onde humanos e não humanos compartilham uma existência interdependente.

Preservar as imagens rupestres, portanto, é mais do que conservar vestígios arqueológicos. É um gesto de responsabilidade histórica e ética, que reafirma nossa identidade enquanto espécie e nossa conexão com a Terra. As figuras milenares esculpidas em pedra continuam a nos interpelar, convidando à escuta sensível, à contemplação e à rememoração. Elas nos lembram de que o conhecimento não nasce apenas da razão, mas também do símbolo, do mito e da experiência sensível.

Contudo, não devemos permanecer aprisionados às sombras. A visão ocidental que separa o humano do não humano, priorizando a racionalidade, limita nossa compreensão da vida. As pinturas rupestres nos abrem à possibilidade de outras formas de existência, onde animais, espíritos, elementos naturais e humanos convivem em redes de sentido compartilhado. Reconhecer essas cosmologias relacionais é ampliar o conceito de pessoa e reconfigurar nosso modo de habitar o mundo.

Assim, orientar nosso olhar à luz do conhecimento e do cuidado é imperativo. A partir do diálogo entre tradição e reflexão crítica, podemos manter viva a chama que nos conecta a ancestralidade e que projeta, com lucidez e sensibilidade, um futuro mais justo, sustentável e verdadeiramente humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, Agustín; FIORE, Dánae; FRANCO, Nora. Imágenes en las rocas: uso del espacio y construcción del paisaje mediante el emplazamiento de arte rupestre en dos regiones de Patagonia centro-meridional (Argentina). **Espacio Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueología**, Madrid, [S. l.], nº 6, p. 17–53, 2015. DOI: 10.5944/etfi.6.2013.11384. Disponível em: https://revistas.uned.es/index.php/ETFI/article/view/11384. Acesso em: 08 jul. 2025.

ALVES, Gerlúzia de Oliveira Azevedo. **A arte rupestre como expressão comunicativa da cultura**. Natal: IFRN Editora, 2010.

AMPLERCINETV. **O Lugar Antes de Mim** - Ep.02 A Arte Rupestre nos Campos Gerais.

Youtube, 26 de jul. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=viaEuGFsa48. Acesso em: 04 jul 2025.

AZEVEDO NETTO. Carlos Xavier de. A Informação da Arte Rupestre: Um problema de discurso. *In*: ESTÉVEZ, Manuel Santos; MELÉNDEZ, Andrés Troncoso (Orgs.). **Reflexiones sobre Arte Rupestre, paisaje, forma y contenido**. TAPA 33 - Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio. Santiago de Compostela: Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Xunta de Galicia, p. 17-27, 2005. Disponível em: http://hdl.handle.net/10261/6206. Acesso em 08 jul 2025.

BASTOS, Solange. **O Paraíso é no Piauí** - A descoberta da arqueóloga Niède Guidon. Teresópolis: Família Bastos, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **A imagem Mítica**. Trad. Maria Kenney. Campinas: Papirus, 1994.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus**: mitologia criativa. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 2010.

CECÍLIO, Guilherme da Costa Assunção. Considerações sobre os sentidos de mímesis na República de Platão e a crítica à poesia. **Ítaca Revista dos Alunos da Pós Graduação em Filosofia IFCS-UFRJ**. Rio de Janeiro, nº 27, p. 12-33, 2015. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/2413. Acesso em: 09 jul 2025.

COTES, Marcial; PAIVA, Leandro; DE ARAÚJO SOARES, Artemis; JUSTAMAND, Michel; OLIVEIRA, Gabriel; JOSÉ RAMPANELI DE ALMEIDA, Vitor. Arte rupestre: a cultura corporal do movimento antes do Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, [S. l.], vol. 29, p. 1-14, 2023. DOI: 10.22456/1982-8918.126910. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/126910. Acesso em: 4 jul. 2025.

DA SILVA, Felipe Gustavo Soares; ARAUJO JUNIOR. Alegoria da caverna, o desejo e a verdade. **Perspectiva Filosófica**, Recife, vol. 44, nº 2, p. 38-46, 2017. DOI: https://doi.org/10.51359/2357-9986.2017.241172. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/perspectivafilosofica/article/view/241172. Acesso em: 04 jul 2025.

DW BRASIL. **A mensagem pintada por povos da Amazônia na Era do Gelo**. Youtube, 19 de out. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qb4nr6o-884. Acesso em: 23 jun 2025.

ESTÚDIO CRIATIVO. **Lascaux, a Pré-História da Arte**. Youtube, 22 de out. de 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WNbWHLU-U4o. Acesso em: 04 jul 2025.

FIORE, Dánae. El arte rupestre como producto complejo de procesos ideológicos y económicos : una propuesta de análisis. **Espacio Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueología**, Madrid, [S. l.], nº 9, p. 239-259, 1996. DOI:

10.5944/etfi.9.1996.4636. Disponível em: https://revistas.uned.es/index.php/ETFI/article/view/4636. Acesso em: 08 jul. 2025.

FREIRE, Francisco Oliveira. A mimese filosófica em Platão: Da tragédia ao teatro das ideias na República. **Pensando - Revista de Filosofia**, vol. 13, nº 29, p. 60-73, 2022. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/13252. Acesso em: 09 jul 2025.

GUEDES, Carolina Machado. **A semântica dos signos na arte rupestre**: estruturas da cognição. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.71.2014.tde-28112014-150709. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-28112014-150709/pt-br.php. Acesso em: 03 jul 2025.

GUIDON, Niéde. As Ocupações Pré-Históricas Do Brasil (Excetuando A Amazônia). *In*: Manuela Carneiro da Cunha (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras; Secretaria Municipal de Cultura : FAPESP. 1992.

GUIDON, Niéde. As primeiras ocupações humanas da área Arqueológica de São Raimundo Nonato - Piauí. **Revista de Arqueologia**, Teresina, [S. l.], vol. 2, nº 1, p. 38–46, 1984. DOI: 10.24885/sab.v2i1.34. Disponível em: https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/34. Acesso em: 06 jul. 2025.

GUIDON, Niède. Pesquisas Arqueológicas em São Raimundo Nonato Piauí: Novos Dados. **Revista de Arqueologia**, Teresina, [S. l.], vol. 8, nº 2, p. 37–46, 1994. DOI: 10.24885/sab.v8i2.650. Disponível em: https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/650. Acesso em: 06 jul. 2025.

GUIDON, Niéde. Pré-História da Região do Parque Nacional Serra da Capivara. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, nº 48, p. 217-230, 2014. Disponível em: https://cienciaeambiente.com.br/48-2/. Acesso em: 06 jul 2025.

JOSÉ BIGARELLA, João; DA CONCEIÇÃO DE M. C. , Maria; ELBA MORAES REGO TOTH, Beltrã. Registro de Fauna na Arte Rupestre. **Revista de Arqueologia**, Teresina, [S. l.], vol. 2, nº 1, p. 31–37, 1984. DOI: 10.24885/sab.v2i1.33. Disponível em: https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/33. Acesso em: 04 jul. 2025.

JUSTAMAND, Michel. As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral. **Revista Memorare**, Tubarão, vol. 1, nº 2, p. 118-141, 2014. DOI: https://doi.org/10.19177/memorare.v1e22014118-141. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/article/view/2388. Acesso em: 03 jul 2025.

KOTHE, Flávio R. O Mito da Cavema. **Revista Cerrados**, Brasília, [S. l.], vol. 3, nº 3, p. 35–60, 1994. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/699. Acesso em: 04 jul. 2025.

MARTTA, Maicon. A Alegoria da Caverna de Platão e o Filosofar na Atualidade . **IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica**, Assis Chateaubriand, [S. l.], vol. 7, nº 22, p. 100–115, 2021. Disponível em: https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/174. Acesso em: 04 jul. 2025.

NASCIMENTO, Devison Amorim do. **O que é arte rupestre da Amazônia**. Belém: Conhecimento e Ciência, 2015.

OLIVEIRA, Francis Lousada Rubini de. O mito é o nada que é tudo: ensaio sobre a primeira arte rupestre do Espírito Santo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória, nº 70, p. 67-89, 2014. Disponível em: https://ihges.org.br/publicacoes/revista/70.pdf#page=68. Acesso em: 08 jul 2025.

PEREIRA, Mardson Miguel dos Santos; LEONOR, Maria Ildivânia de Souza; SILVA, Gilmar D'Oliveira; VIEIRA, Júlio Cesar da Silva Moura; SANTANA, Joyce Avelino Carneiro; SANTANA, Cristiana de Cerqueira Silva. Educação patrimonial e ambiental a partir dos sítios arqueológicos das serras de Itiúba-BA. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Málaga, [S. l.], vol. 16, nº 9, p. 1-21, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n9-116. Disponível em: https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5683. Acesso em: 04 jul. 2025.

PEREIRA, Thiago; LESSA, Simone Narciso. Um bestiário pré-histórico? A pré-história através das pinturas rupestres. **Revista de História da Arte e da Cultura**, Campinas, SP, nº 21, p. 28–51, 2021. DOI: 10.20396/rhac.vi21.13715. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/13715. Acesso em: 07 jul. 2025.

PAVIANI, Jayme. O filósofo como homem divino em Platão. **Hypnos**, São Paulo, nº 15, p. 1-12, 2005. Disponível em: https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/396. Acesso em: 04 jul 2025.

PLATÃO. **República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

PLATÓN. **Diálogos I** - Apología, Critón, Eutífron, Ion, Lisis, Cármides, Hipias Menor, Hipias Mayor, Laques, Protágoras. Trad. J. Calonge Ruiz; E. Lledó Íñigo; C. García Gual. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

PLATONE. **Apologia di Socrate** - Simposio. Trad. Angela Cerinotti. Milano: Giunti Editore, 2016.

RED IBEROAMERICANA EN MANIFESTACIONES RUPESTRES. **Documental Arte**

Rupestre en América Latina. Youtube, 12 de mar. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xjNqKctgtL4. Acesso em: 08 jul 2025.

RIBEIRO, Loredana. Sobre pinturas, gravuras e pessoas – ou os sentidos que se dá à arte rupestre. **Especiaria: Cadernos De Ciências Humanas**, Ilhéus, vol. 11(nº 20,21), p. 157-182, 2015. Recuperado de: https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/697. Acesso em: 04 jul 2025.

SANTOS, Tiago Soares dos; ROCHA, Davi Santos. Narrativas Míticas e o Modo de Pensar Contemporâneo: Uma influência com origem nas culturas gregas, judaico-cristãs, indígenas e da ancestralidade africana. **IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica**, Assis Chateaubriand, [S. l.], vol. 7, nº 22, p. 134–146, 2021. Disponível em: https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/176. Acesso em: 04 jul. 2025.

ST. JOHN'S COLLEGE. **(Allen Speight) The Philosophical Challenge of Early Art**. Youtube, 12 de nov. de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J_Sn19TxuOU. Acesso em: 06 jul 2025.

TRAPP, Rafael Petry; SANTOS, Poliana Silva dos. Arte Rupestre e Educação Etnicorracial: uma experiência pedagógica com base em bell hooks no curso de pedagogia da UNEB-IX (Barreiras/BA). **Revista Inter-Ação**, Goiânia, vol. 46, nº 3, p. 1444–1459, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46i3.68154. Disponível em: https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68154. Acesso em: 04 jul. 2025.

VALIM, Ricardo; SOARES, Domingos Perpetuo Alves. Decolonizando Metodologias - O Projeto "Costurando Saberes" no IFRO Câmpus Porto Velho Calama. **Revista Relicário**, Uberlândia, Brasil, vol. 10 nº. 20, p. 76-93, 2023. DOI: https://doi.org/10.46731/RELICARIO-v10n20-2023-284. Disponível em: https://revistarelicario.museudeartesacrauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/284. Acesso em: 05 jun 2025.

VALIM, Ricardo; ALMEIDA JR, José Benedito. Do Clarão das Fogueiras ao Brilho das Telas - As projeções de si no cinema indígena. **Revista de Ética e Filosofia Política,** Juiz de Fora, vol. 1, nº 28, p. 178-197, 2025a. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/46713. Acesso em: 22 jun 2025.

VALIM, Ricardo; GIACOIA JR, Oswaldo. O Poder dos Afetos: uma possível leitura do corpo a partir de Espinosa e do pensamento indígena. **Guairacá - Revista de Filosofia**, Guarapuava, vol. 41, nº 1, p. 172-189, 2025b. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/7889. Acesso em: 25 mai 2025.

VALIM, Ricardo. **Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro**: Análise das ontologias tupi-guarani e yanomami. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024.

VALIM, Ricardo; BOCCA, Francisco Verardi. Quem Deve (Ou Pode) Cuidar do Meio Ambiente? Uma reflexão filosófica-decolonial. **Clareira - Revista de Filosofia da Região Amazônica**, Porto Velho, vol. 11 nº 1, p. 23-40, 2025c. Disponível em: https://periodicos.unir.br/index.php/clareira/article/view/8262. Acesso em: 26 mar 2025.

VALIM, Ricardo; SOARES, Domingos Perpétuo Alves. Projeto e Contemplação como Prática Educativa de Filosofia. **Revista Kalágatos**, Fortaleza, [S. l.], vol. 22, nº 2, p. e25016, 2025d. DOI: 10.52521/kg.v22i2.14862. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/14862. Acesso em: 09 abr. 2025.

VIGLIANI, Silvia. La Noción de Persona y la Agencia de las Cosas - una mirada desde el arte rupestre. **Anales de Antropología**, Ciudad de México, [S. l.], vol. 50, nº 1, p. 24–48, 2016. DOI: 10.1016/j.antro.2015.10.001. Disponível em: https://www.revistas.unam.mx/index.php/antropologia/article/view/46813. Acesso em: 08 jul. 2025.

XAVIER DE AZEVEDO NETTO, Carlos. O conceito de mito aplicado à arte rupestre. **Revista de Arqueologia**, Teresina, [S. l.], vol. 11, nº 1, p. 27–41, 1998. DOI: 10.24885/sab.v11i1.134. Disponível em: https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/134. Acesso em: 03 jul. 2025.